

## HATOUM, LITERATURA E POLÍTICA: ENTRE “ESPERAS” E “FUGAS”, OU VICE-VERSA

\*\*\*

## HATOUM, LITERATURE AND POLITICS: BETWEEN “WAITS” AND “LEAKS”, OR VICE-VERSA

Jesuino Arvelino Pinto<sup>1</sup>  
 Thiago Monteiro do Carmo<sup>2</sup>  
 Julianna Alves Bahia<sup>3</sup>

**Data de recebimento do texto:** 10/08/2023

**Data de aceite:** 09/09/2023

**RESUMO:** O objetivo precípua deste artigo consiste em refletir acerca da repressão, tortura e violência instauradas pela ditadura militar representadas por Milton Hatoum nos romances *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019), primeiro e segundo livros que compõem a trilogia *O lugar mais sombrio*, pelo viés das relações entre Literatura e Política, tratando também aspectos fundamentais na construção de obras contemporâneas, como memória e identidade, apresentadas por estudiosos como Benjamin Abdala Júnior (2007), Hall (1997 e 2003), Hommi Bhabha (2003), Paul Ricoeur (2007), Edward Said (2003), dentre outros. A intenção não é tratar o tema como manifestação ideológica, mas sim, como processo de ressignificação do passado, desvelando questões que insistem em colocar povos à margem, em situações e posições de inferioridade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ditadura Militar. Romance contemporâneo. Literatura. Milton Hatoum

**ABSTRACT:** The main objective of this article is to reflect on the repression, torture and violence introduced by the military dictatorship represented by Milton Hatoum in the novels *A Noite da Espera* (2017) and *Pontos de fuga* (2019), first and second books that make up the trilogy *O lugar mais sombrio*, through the bias of the relationship between Literature and Politics, also dealing with fundamental aspects in the construction of contemporary works, such as memory and identity, presented by scholars such as Benjamin Abdala Júnior (2007), Hall (1997 e 2003), Hommi Bhabha (2003), Paul Ricoeur (2007), Edward Said (2003), among others. The intention is not to treat the theme as an ideological manifestation, but rather as a process of reframing the past, unveiling issues that insist on putting people on the sidelines, in situations and positions of inferiority.

**KEYWORDS:** Military Dictatorship. Contemporary novel. Literature. Milton Hatoum

---

1 Professor Adjunto de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso. Doutor em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, UNEMAT, Campus Universitário de Tangará da Serra. E-mail: jesuino.pinto@unemat.br

2 Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras, UNEMAT, Campus Universitário de Sinop. E-mail: thiago.monteiro@unemat.br

3 Doutoranda em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, UNEMAT, Campus Universitário de Tangará da Serra e Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras, UNEMAT, Campus Universitário de Sinop. E-mail: julianna.bahia@unemat.br

O objetivo deste artigo é refletir acerca das formas de representação do totalitarismo e autoritarismo nos romances *A noite da espera* e *Pontos de fuga*, de Milton Hatoum, particularmente, as questões histórico-sociais que envolvem o período da Ditadura Militar no Brasil recriadas na arquitetura da narrativa, contribuindo para a divulgação do nosso passado histórico, em particular do sistema ditatorial e, assim, informar e alertar os leitores acerca da aberração daquele momento. Ao privilegiar aspectos pertinentes à relação literatura e ditadura e ao papel da memória na formação da identidade do protagonismo, a análise, mais especificamente, evidencia a elaboração do protagonista Martim e desvenda os recursos estéticos utilizados pelo autor, a partir dos procedimentos narrativos e discursivos do romance, com foco central no narrador.

O mundo contemporâneo impulsiona as relações humanas e nelas há diversas maneiras e intenções comunicativas que retratam o interesse do sujeito em se identificar ou não com determinados grupos sociais, bem como mostrar seu lugar no mundo. Desse modo, várias ferramentas são utilizadas para atingir objetivos que levam à estruturação da obra, como a literatura moderna, que insere novas situações e paradigmas em relação ao texto literário e seus elementos. A partir dela é que vemos a construção e desconstrução de elementos identitários, o rompimento de fronteiras psicológicas e geográficas, utilizando a metaficcionalidade como suporte de demonstrações e interpretações de nossa sociedade e cultura; entretanto, é pelos elementos imbricados na linguagem que se constata a multiplicação do sujeito e dos discursos ativados em detrimento das intenções evocadas pelos indivíduos. Nesses termos, o texto literário é de suma importância por conciliar diversas características das sociedades nas obras em relação ao momento de sua expressão.

Temos presenciado a produção de literaturas sobre um passado silenciado como forma de arquivo que, no contexto contemporâneo, sobretudo no período atual, ganha ainda mais relevância e *status* de artífice de luta, visto que a produção desse tipo de literatura sobre a Ditadura Militar no Brasil evoca uma aproximação com o leitor ao utilizar a linguagem de maneira usual, em sua essência coloquial, promovendo a experiência de um período tenebroso. Pelos caminhos construídos pela ficção, o leitor entende os contextos que lhe são permitidos e, principalmente, aqueles omitidos pelas forças repressoras que agem até hoje.

A proposta de literaturas que têm como escopo a ditadura brasileira é viabilizar, a partir da linguagem, um projeto de intervenção, de resistência, inscrito na questão histórica retratada na obra, a qual faz emergir no leitor, na contemporaneidade, um sujeito político, alteridade promovida em diferentes níveis, estabelecidos para utilização no hoje, no presente. Pensando no viés de seu alcance, o que deve importar é a construção de certo conteúdo memorial, evidentemente considerável, a ponto de articular pensamentos críticos sobre determinadas representações, e, nesse ínterim, os textos da trilogia, até aqui, podem ser:

Auxiliar de uma memória forte, a escrita pode, ao mesmo tempo, reforçar o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma cultura, e reforçar a metamemória. Assim, o escritor local, aquele que tem o poder de registrar os traços do passado através dos traços transcritos. Entretanto, com frequência a escrita, como modalidade de expansão da memória, deixa a busca identitária incompleta (CANDAUI, 2019, p. 109).

Os dois primeiros livros da Trilogia de Hatoum deixam um ritmo de suspensão no leitor, porque, até certo ponto, não se pode tirar conclusões do enredo, pois o autor o adia, pela ideia do suspense narrativo, e isso causa uma consequência, por estarmos observando a obra, principalmente em *A noite da espera* (2017), pelo viés de Martim; participando, assim, como o protagonista de um mundo que não se entende completamente. As relações entre as personagens e o desenvolvimento do romance não ficam claras sobre os destinos daqueles presentes na obra e que nos deixa crer que, como efeito principal, seja esse adiamento das informações constantes e importantes sobre a trajetória das personagens que até então não sabemos. Pensando no leitor de romances realistas, é uma incógnita começar a leitura ou se ancorar em algum ponto inicial, ao passo que o autor tira uma das características principais, a completude do enredo, e, ao término do livro, não se tem o enredo inteiro:

A voz de Dinah, ausente, era a voz que eu imaginava nas cartas que minha mãe não escreveu para mim. Já começava a ver a capital e o meu passado com olhos de desertor, me sentia culpado e acovardado por fugir, por não ter ido à

reunião da *Tribo* na hora marcada, por não dividir com meus amigos uma cela da polícia política, uma culpa que crescia, como se fosse um crime. Uma traição à tribo de Brasília. Na solidão, uma parte da minha vida saía de mim, o coração dividido pela amargura e a esperança: não sabia se ia rever Dinah, quem sabe se encontraria minha mãe... (HATOUM, 2017, p. 236).

Temos, então, as prerrogativas do romance de formação e encaminhamos a leitura dessa forma, um ir e vir entre obras, buscando a trajetória do que é esse romance de formação, que leva em consideração o tempo como tecido da vida. A experiência evocada, a memória, a lembrança e o esquecimento são tensões que estão no livro e que poderíamos encontrar alguns elos; o cruzamento muito forte do destino individual com o destino coletivo na trajetória de todas as personagens, marcadas por singularidades muito próprias, mas também muito históricas e muito sociais. Outro ponto a se destacar é que a política no livro é íntima e muito interessante de se acompanhar. A personagem central está inscrita no tempo histórico, servindo como painel de uma geração, proposta do romance realista; entretanto, há algo que causa certo estranhamento, pois o foco narrativo é variável e o romance “abraça” o caráter da memória, dos relatos, dos diários que não são só de Martim, são anotações pessoais compartilhadas por outros. É pela “organização” desses materiais por Martim, que temos a sensação de fazer parte da narrativa, e, pelo propósito desse sujeito deslocado e talvez despojado de amor próprio, fundamentam-se as percepções sobre o enredo.

Essa organização trabalhada pelo narrador e autor (não tomamos aqui a proposição de que sejam o mesmo) é importante, pois, caso houvesse cronologia intencional, a narrativa tomaria corpo e caminhos que não caberiam nesses livros, daí o sentido provocador que se dá não só em suas anotações, mas daquilo que era de seus amigos, anotações dadas, emprestadas e até mesmo furtadas pela personagem:

Rua d'Aligre, Paris, março, 1978  
Tirei da sacola a papelada de Brasília e São Paulo: cadernos, fotografias, cadernetas, folhas soltas, guardanapos com frases rabiscadas, cartas e diários de amigos, quase todos distantes; alguns perdidos talvez para sempre.

Comecei a datilografar os manuscritos: anotações intermitentes, escritas aos solavancos: palavras ébrias num tempo salteado (HATOUM, 2017, p. 16-17).

O que há é uma inovação ou provocação estética, porque acompanhamos memórias que precisam de outras memórias, inclusive em cenas íntimas, como na primeira relação sexual entre Martim e Dinah. Nas anotações, uma personagem começa, mas não termina de contar e outras vozes contam coisas que até então não se sabem. Com capítulos enumerados, sobreposições de tempo e espaço muito bem-organizados, emerge o tema da evocação, que é o tema da memória principal e do exílio, centro da fragmentação dos capítulos. Logo no início do livro, ele diz que pegará a papelada que juntou do Brasil (cadernos, cadernetas, fotografias, folhas soltas, diários de amigos...), um tempo partido que é evocado para ele também.

Daí os planos do próprio Martim fica em um plano de narrador que sabe de tudo, mas não sabe. Fica em posição de um narrador que organiza esses escritos, mas ao mesmo tempo está sozinho, ao passo que sua mãe também está sozinha; entretanto, essas situações, em uma leitura prévia, se tornam de difícil percepção. Ele tem dificuldade de se caracterizar, pois o que se percebe é que ele é caracterizado por outros, demonstrando ser uma constante meditação, um longo processo meditativo sobre ele mesmo no mundo, refletindo sobre o papel dele na perda da mãe, do que seja a participação dele na vida política, se participa ou não, como participar em um processo de reflexão direcional, todavia ele busca respostas, de modo que esse sentido de formação está presente nessa ambivalência política sua. Uma sedição pessoal que vai no confronto com os outros, que deixa evidente a relevância dos outros personagens, um painel de outras figuras:

Na fotografia, minha mãe está de pé, ao lado do tronco de uma árvore, parte do corpo sombreada pela folhagem. Reconheci a blusa branca de gola rulê e a calça jeans. O cabelo, que antes caia nos ombros, encurtara. Queria encontrar nos olhos dela o sinal de algum desejo, a força de um sonho. Mas o olhar era meio triste, e o sorriso, sem viço, diferente do sorriso que eu lembrava.

Imaginei que ela estava sofrendo.

Vida miserável.

Escrevi numa carta que o amante dela era a causa do nosso sofrimento; rasguei essa carta, tentei escrever outra, sem acusar o artista. Não consegui.  
Por que minha mãe sofre?  
Por que eu *penso* que ela sofre? (HATOUM, 2017, p. 61-62)

Os principais conflitos do narrador, o fracasso, a fragilidade-potência, a covardia-coragem, alienação e engajamento, também são vividos pelos outros sujeitos da obra. Essas estratificações ambivalentes nos dão a possibilidade de visualização e debate de uma mesma temática sob vários pontos de vista, propondo o retorno dessas questões por meio de um exame sobre o porquê de as personagens passarem pelas mesmas coisas, sofrendo talvez as mesmas consequências de outras maneiras, o que nos leva à busca, em nossas leituras, dos acessos para ver onde isso se dará. O autor lança mão de uma nova ideia sobre formação, tendo em vista que ela está compartilhada, no sentido de Martim estar presente com os grupos (Tribo em Brasília e com outros em outros lugares). A impressão que fica sobre o desaparecimento é que o autor propõe que o esquecimento é algo impossível de acontecer e a maneira que temos de lidar com os fatos, fazer com que eles desapareçam no tempo da ditadura, é impossível por se ter poucas informações, como no caso da mãe de Martim.

O leitor fica em suspensão, tentando achar retalhos passíveis de organização, procurando encontrar caminhos para o entendimento do desaparecimento de Lina. O narrador vai tecendo outros temas, reconstruindo o abandono inexplicado da mãe, colocando em questionamento a presença máxima do pai, o carinho e amor que, talvez, somente a mãe poderia ter. O espelhamento que ele vai fazendo de Dinah com sua mãe, o confronto dessa opção amorosa que a mãe poderia ter e que ficamos nos perguntando se foi realmente o que aconteceu ou que tenha sido a traição da família, o desaparecimento por motivos políticos são em sua consciência um abandono que nos leva à reflexão da condição da vida que temos no país, condição desfavorável àqueles que viveram o período ditatorial, demonstrando uma linha de força entre as representações que temos da ditadura, fazendo-nos viver nas páginas do livro a tensão do desaparecimento, embora sejam conflitos que se apresentam em todos os lugares. Cada jovem se vê construído a partir do olhar dos outros e a literatura com primazia usa esse

artifício por ser uma construção sobre o outro, levando em consideração o sujeito narrador (que está presente em nossa imaginação, que são inventados ou construídos, que não é o autor).

Observa-se que Martim não é um personagem interessado em política ou na militância; ao contrário de seu grupo, sua namorada, que é mais madura, era atriz. Ele é de família de classe média, cuja vida teria sido mais convencional, diferentemente dos pais de Dinah. Nessas perspectivas, vemos contrapontos importantes, pois há diferenças do ponto de vista social, psicológico e econômico. Ele e seus amigos são muito diferentes, e, em *A noite da espera*, são apresentadas essas personagens, entretanto a voz predominante é ainda de Martim, embora no segundo livro se observe um constructo de deslocamento espacial de Brasília para São Paulo e que tudo fica mais adensado, por ter outros personagens e outro grupo de amigos. São Paulo é o lugar de se encontrar com o destino ou vida profissional. A maioria dos personagens são estudantes da USP, moradores da república da Vila Madalena, uma triste república que acena para uma república maior e que, no período em que a trama se constrói, é um lugar pequeno, de moradores de classe média-baixa e de estudantes.

Por outro lado, em *Pontos de fuga* (2019), Martim tem seu cotidiano envolto a conflitos pessoais durante o período de Ditadura Militar. No texto, encontramos as memórias de estudantes entre as décadas de 1970 e 1980, com explicações das prisões de alguns de seus amigos, expostas no primeiro livro da trilogia. É narrado em primeira pessoa e intercala excertos dos escritos de seus amigos, fazendo ecoar vozes polifônicas em anotações e cartas furtadas pelo narrador, o qual, resgatando essas anotações, em seu exílio reescreve, propiciando a identificação do medo coletivo, exílio, silenciamento e outras violências dispostas no período, pelas quais ele e seus amigos da UNB e USP passaram. Os momentos da narrativa são entrecortados por certa cronologia, intercalando-se com suas memórias do exílio e de outras personagens: “É um amigo brasileiro, Martim. Quase irreconhecível hoje. Vive há uns anos em Estocolmo. Ele quer passar uns dias em Paris” (HATOUM, 2019, p. 137). Ainda:

O tom da voz e o olhar do Damiano insinuavam que eu ia hospedar um exilado. Não podia recusar abrigo ao hóspede misterioso, mas logo pensei em Celine, e me lembrei da

Ana Clara, uma suposta amiga do Damiano. [...] Na tarde calorenta de ontem, Damiano revelou: a hóspede não se chamava Ana Clara, não era antropóloga, bolsista, nem grande amiga dele, apenas uma conhecida, uma companheira, mas não revelou o verdadeiro nome de Ana Clara, nem o que ela fazia no Brasil (HATOUM, 2019, p. 139-140).

Tempos e espaços são entrecortados pelo eco das vozes ressonantes da obra de maneira primorosa sem que tenhamos identificada uma linearidade, em que há a impressão de uma personagem que está no exílio, expondo o olhar sobre as severidades e atrocidades que nossa nação passara naquele período. A fragmentação apresentada pelo autor, juntamente com os aspectos polifônicos, são características dos romances ditos contemporâneos e que nos instigam à reflexão de como esse processo nos impacta até os dias de hoje, entretanto, propondo um olhar e posicionamento daqueles que viveram o período, ressignificando a história por dar voz àqueles que não têm ou não a tiveram, pois foram silenciados e eram considerados marginais sob a ótica ditatorial.

É criticando as verdades impostas e expandindo o espaço à crítica sobre o que tenha acontecido que a linguagem utilizada e o fazer literário se tornam cruciais ao desenvolvimento de um enredo polissêmico, campo fértil para diversas indagações e proposições de resolução de um momento trágico: “essa memória deixa traços compartilhados por muito tempo por aqueles que sofreram ou cujos parentes ou amigos tenham sofrido, modificando profundamente suas personalidades (CANDAU, 2019, p. 151):

Lima la fea, outubro de 1973

Martim,

Nesses últimos meses, tentei escrever, mas só consegui enviar um postal pra Mariela. A memória é um desassossego, não dá trégua, a maldita, às vezes trava o desejo de escrever. Passei esse tempo duelando com ela, há lembranças que nos atormentam, certezas que desabam e se tornam escombros, talvez as ruínas sejam a nossa experiência mais viva. [...] No Brasil, os generais ilustrados foram vencidos pelos terroristas da extrema direita, civis e militares. A esquerda está esfacelada, a guerrilha do Araguaia foi massacrada, estamos todos fodidos, esta América está fodida. Falei isso em Cuba e fui acusado de agente da CIA, agora todo mundo é da CIA, vocês são? A risada, a dois palmos da cabeça de

Celeste, logo se desfez, e a tristeza do exílio ensombreceu o rosto do cineasta. Hoje uma poeira líquida umedeceu Lima la fea, que é linda. Um abraço do amigo Nortista (HATOUM, 2019, p. 154-155).

O que nos compete como leitores e críticos de um determinado período histórico de nosso país é estabelecer conexões e críticas a partir da memória coletiva das personagens em um cotidiano ditatorial que reflete a condição do ser humano em momentos de repressão, censura, prisões, tortura, desaparecimento e exílios. É a partir da resistência, e das palavras, que se dá o contexto dos livros que impactaram os sujeitos do nosso tempo, tendo o romance relação fundamental com a história de nossa nação. Algumas memórias com teor trágico estabelecem peso grande na construção identitária dos sujeitos, visto que impactam tanto aqueles que sofreram ou as vivenciaram e se estabelecem como lembrança em meio aos seus pares, mesmo sem ter vivido de fato. Há nesse paralelo grande dificuldade na transmissão daquilo que não se pode ser exposto, pois não se alcança consciência, estabelecendo ainda mais o trauma causado às gerações sem a disposição de superação de acontecimento passado.

Hatoum estabelece em seu texto uma tensão percorrida pelas personagens no dia a dia nas universidades, em cidades que, de certa forma, as controlam, visto que o vai e vem entre as cidades instiga certos comportamentos marcados pela instabilidade e pela sensação de não poder fazer nada diante do mal instalado. Alunos da Universidade de Brasília sofrem repressão de todos os tipos, principalmente o de ter de se calar para que não sofram punições, deixando em pior situação aqueles que ousassem se rebelar, mas, clandestinamente, continuavam sua luta, ou, em exílio, mesmo que em seu próprio território:

Acante sabe que me sinto deslocado nesse Círculo pequeno; somos amigos desde 1968, no centro da nossa amizade está Dinah, eu empenho obstinado de Damiano em encontrar indícios do destino de minha mãe. Em Paris, dá palestras sobre o teatro brasileiro e escreve peças, ignoro as outras atividades dele com o pessoal do Círculo. Sabe dominar a amargura, a angústia, o desespero do exílio; talvez não se sinta angustiado nem desesperado. Certa vez me disse: o exílio é uma aprendizagem, uma prova difícil de adaptação, mas qualquer pessoa pode se sentir no exílio em seu próprio país (HATOUM, 2019, p. 45-46).

O enredo se coloca a partir da fuga do narrador para São Paulo, logo após a prisão de seus amigos da Tribo, grupo de estudantes e atores amadores da UNB que se manifestou contrário aos propósitos do governo. Envolto a um período que atinge a todos de alguma forma, as personagens tentam se unir para lutar em busca de um regime democrático. Embora diante dessas e outras atrocidades vividas naquele momento, Martim se preocupa, prioritariamente, na busca de responder o silêncio de sua mãe (Lina), desde a separação com Rodolfo (pai); dentre as personagens, parece ser o único a não demonstrar preocupação em relação ao contexto político e ao que acontecera com seus colegas. Suas angústias e preocupações são expostas pelas cartas de amigos, demonstrando o quão obcecado ele era em buscar caminhos e respostas ao paradeiro de sua mãe. Tal obsessão o leva a ter oscilações na memória, levando-o, inclusive, a ter alucinações, como quando em Brasília Lina tentou fazer contato, mas algo impede o encontro entre mãe e filho, fazendo-o conjecturar ainda mais sobre o desaparecimento dela, deixando de lado o contexto de repressão, ataques a professores e aos que foram exilados:

Tua memória sabe esconder certas coisas. Quando teu avô faleceu, Lina passou uns dias no chalé. Eu disse que ela e o amante já estavam juntos antes da separação, traía o marico com o amigo do teu tio Dacio. Nunca vi esse artista. [...] No hospital eu disse coisas absurdas para tua mãe, troque a cabeça pelos pés, só para Lina passar um tempo perto de mim. Ela vai te ver em Goiânia, cancelou a viagem para ficar comigo, mas ficou poucos dias em Santos e foi pro interior de São Paulo. [...] Tua mãe se aproveitou dessa circunstância para não ir te ver. Por que não viajou antes ou depois para Goiânia ou Brasília? Ela esconde alguma coisa que eu quero descobrir antes de morrer (HATOUM, 2019, p. 17-18).

Tendo por pano de fundo esse cenário, compreende-se como a literatura, dentre suas nuances estéticas, objetiva a angústia por meio da experimentação do leitor, mas que, de certa forma, não é aquela de quem realmente sofreu o exílio, pois tende a obscurecer o que sofreram aqueles que foram reprimidos de seus direitos de liberdade e permanência. Conferir determinada literatura tida como do exílio é diferente de ver ou participar daquilo que um autor tenha passado em

situações como as dispostas, de sentir que o “exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, que é produzido por seres humanos para outros seres humanos” (SAID, 2003, p. 47), o que causa várias sensações e sentimentos e que tal experiência deva ser encarada como algo benéfico, pois não será, tendo em vista que alguém tenha passado por isso por quaisquer motivos, faz com que quebre a *persona* e suas características nacionais:

O exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. Em geral, não têm exércitos ou Estados, embora estejam com frequência (sic) em busca deles. Portanto, os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado. O ponto crucial é que uma situação de exílio sem essa ideologia triunfante — criada para reagrupar uma história rompida em um novo todo — é praticamente insuportável e impossível no mundo de hoje. Basta ver o destino de judeus, palestinos e armênios (SAID, 2003, p. 50).

Talvez por essa perspectiva é que se fundamente a construção narrativa sem uma sequência cronológica nas obras de Hatoum, em que, por meio das próprias anotações de Martim e as de seus amigos, se projeta certa presentificação do período histórico, o que faz com que a obra seja observada pelo viés da contemporaneidade. Ele se apaixona por Dinah, estudante e atriz que caracteriza a luta e as atividades contra o regime imposto, agindo diretamente em passeatas e críticas à ditadura, aspectos que refletem na turbulência de seu relacionamento com encontros descontínuos. Além dela, outros têm ação direta na luta política, como Lázaro, Nortista, Jorge Alegre e Damiano Acante e Vana, que conduzem Martim e nós, como leitores, sobre o que aconteceu na noite de uma reunião da *Tribo* em que deveriam definir os caminhos da edição da revista, culminando em terríveis atrocidades:

Quando os policiais tentavam arrombar a porta do térreo, o Nortista pediu para a gente destrancá-la, ia saltar da marquise enquanto eles subiam a escada. Fabius desceu e destrancou a porta, e quando subia com os policiais, o maluco do Nortista saltou mesmo. Fabius disse que era filho de um embaixador,

aí uma das bestas sanguinárias berrou, que ele podia ser filho de embaixador, ministro e até de um caralhão fardado, ia se fuder do mesmo jeito (HATOUM, 2019, p. 74-75).

O narrador toma para si um posicionamento importante ao selecionar o que narrar e como narrar, pois seus discursos ganham corpo e se colocam como produto a ser avaliado não só pelos que podem tomá-lo como aspecto íntimo, como por aqueles que o repudiam. Sua atitude narrativa se exprime a partir da produção do autor, visto que, em sua atividade, ele propõe uma personagem embriagada de assuntos fraturantes, em que a verdade possa ser considerada como algo relativo ou configurada a partir de um determinado contexto, de modo que, em determinado momento histórico, a realidade é considerada como algo supérfluo.

Seja qual for a escolha do narrador, os acontecimentos de fato impactam a vida dos sujeitos de maneira negativa, que se reuniam para falar de assuntos de seu cotidiano e a organização do que previa o trabalho da revista e de seus apoiadores; contudo as ações dos agentes não davam nenhuma possibilidade de conversa ou mínimas explicações, mostrando o que pode crer sobre a truculência de um Estado que preservava a intimidação por vias da violência desmedida e tenebrosa para que a pujança de luta de estudantes e entusiastas do movimento pela liberdade e democracia não se propagasse. Com o uso de uma linguagem pendente ao coloquial, o autor instiga o leitor a experimentar a violência exercida pelo aparato do governo responsável por promover atividades bestiais, que não estavam no início e muito menos tinham vontade de se apresentar como fim. O que notoriamente é identificado é que não havia tantos meios de reação e que os fatos não seriam passageiros, mas que estariam marcados na memória daqueles que por sorte ou fatalidade continuariam com suas vidas.

Entretanto, poucos conseguem escapar da famigerada reunião. Tal fato estabelece incertezas e desconfianças dentro do grupo, visto que não havia mais em quem confiar, levando os participantes do grupo a pensar em pessoas infiltradas agindo em benefício próprio, tentando barganhar com o governo, pois “é fundamental perceber também que a repressão foi temperada com arranjos e acordos, possibilitados pela existência de uma tradição cultural, mas, também, decorrentes de uma estratégia de controle político” (MOTTA, 2018, p. 105). Lugares

de debate e construção crítica de conhecimento se tornam impossibilitados de exercer suas funções no que se refere ao direito social da educação, expressão e liberdade. Uma das manifestações latentes no texto se dá quando Martim e Sérgio San são presos em um ato organizado pela PUC, em 1977. Depois do ocorrido, os moradores da Fidalga se separam, escondendo-se ou indo para o exílio; no decorrer da trama, sua namorada Dinah é presa e torturada, fazendo com que o narrador tome outros posicionamentos ou ações mais veementes ao que o contexto preteria dos sujeitos da história, levando em consideração que a maior de suas preocupações e impactos por ele sofrido era a ausência de sua mãe.

O que nos compele nesse momento é verificar a participação fundamental da memória no sentido de nos guiar dentro de fatos históricos. Lembrar, esquecer, ou poder lembrar e poder esquecer são nortes que inferem a permanência ou ausência de situações que ora estão guardadas, ora estão expostas. As condições históricas preterem o dever que a memória tem de expandir debates sobre as chagas abertas e que estão longe de cicatrizar, visto que estão vivas e que são conflitantes na memória individual, coletiva e histórica, ao passo que está à mostra:

A questão colocada pelo dever de memória excede os limites de uma simples fenomenologia da memória. Ela excede até os recursos de inteligibilidade de uma epistemologia do conhecimento histórico. Finalmente, enquanto imperativo de justiça, o dever da memória se inscreve numa problemática moral que a presente obra apenas não resvala. Uma segunda evocação parcial do dever de memória será proposta no âmbito de uma meditação sobre o esquecimento, em relação com um eventual direito ao esquecimento. Seremos então confrontados com a delicada articulação entre o discurso da memória e do esquecimento e o da culpabilidade e o perdão (RICOEUR, 2007, p. 104).

Outras manifestações, passeatas, atos são explorados na obra, dando consistência histórica ao que realmente foi a força dos movimentos estudantis da época, mas que, por outro lado, demonstram como eram tratados os estudantes pelo sistema ditatorial. Existiram muitas reivindicações que propunham a volta daqueles que foram exilados, dos que estavam desaparecidos e torturados e etc., estabelecidos nos conflitos estava Martim em uma manifestação com um

cartaz escrito que “o rosto da mãe enche a sala” (HATOUM, 2019, p. 269), um misto de desafios expostos pela história e que ganham aporte pela via literária, demonstrando a união de ideais que tinham como premissa a liberdade e respostas sobre as pessoas desaparecidas. Ademais, é de extrema importância revelar e, sempre que possível, pontuar o protagonismo universitário se fazendo resistência no contexto exposto.

Tomando a grande responsabilidade e importância dos movimentos sociais como caminho e ferramenta de luta contra a ditadura, entendemos que nas obras analisadas, principalmente no segundo volume, o autor promove a expansão de um debate social e político em que ainda estamos vivenciando ou que somos tocados pelo que aconteceu entre 1964 e 1985. Os romances de Hatoum são os espaços de enveredar o pensamento para novos rumos de nosso país. O romance contemporâneo tem em sua essência a imbricação do estético e do político, tendo em si a profundidade que outras obras não carregam:

Para compreender que o quadro da narração de uma ficção é, na modernidade e na pós-modernidade, o mais adequado para o tratamento das complexas relações entre a forma do Estado e a não-permanência da margem em que se trocam constantemente os dados da intra e da extraterritorialidade. O romancista escreve para inventar o lugar de onde vem (e suas genealogias), para des-limitar seu território impossível. É uma questão de sobrevivência... e de morte. Saber de onde isto fala, eis que dá ao romance sua razão de ser (PETERSON, 1995, p. 132).

A obra carrega consigo infinitas vozes, tendo em vista que a palavra carrega um interdito e a linguagem estética se dispõe a operar por meio de imagens simbólicas com o intuito de representar e criar ar ficcional aos dramas e comportamentos humanos, que, no caso de *Pontos de fuga*, ultrapassam o amor, nostalgia e solidão, eles se constroem e se edificam na violência promovida por indivíduos para outros. Com o uso de palavras corriqueiras do dia a dia, causam sensação de estranhamento aos leitores, entretanto, nas situações de regime político totalitário e autoritário, a liberdade da palavra, da expressão é colocada no plano do silenciamento, pois os mecanismos de censura agem com frequência contra os atores contrários ao sistema, mas que por essas vozes silenciadas assumem papel

de registro e instrumento de combate e resgate dos membros da resistência. Na literatura, a linguagem verbal é profundamente instigante e metafórica, deixando evidente a fragmentação formal em que há impossibilidades de narrar diretamente a censura, a violência, a tortura e traumas do contexto histórico abordado porque podem não escapar do crivo das informações que, algumas vezes, assumem momentos de exceção para determinados autores canonizados.

Lançado pela Companhia das Letras em 2019, *Pontos de fuga* é o segundo livro da trilogia *O lugar mais sombrio*, iniciada com o livro *A noite da espera* (2017). Assim como a primeira, a obra é também ambientada no período de Ditadura Militar, que perdurou entre 1964 e 1985. Embora tenhamos a impressão de que tudo já tenha sido escrito sobre a época, o que se percebe é que isso não vale, que muitos escritores trabalharam a questão na literatura brasileira, que não se dá para configurar um espaço finito de narrativas sobre ela. Milton Hatoum imprime nos dois romances a vida de grupos de estudantes, como vivenciam, se submetem e se revoltam contra o regime; o personagem principal vivia no exílio em Paris, escrevendo suas lembranças do tempo em que viveu nas cidades de Brasília e São Paulo. Como dito anteriormente, no primeiro volume, acontece a separação dos pais de Martim, que fica com o pai e vão para Brasília, configurada como uma cidade desconhecida para os dois; lá, ele se apaixona por Dinah, criando uma relação permanente com seu grupo de amigos.

Por meio das suas anotações, questões de memória e identidade dos sujeitos são evocadas, mesmo que essas memórias sejam coletivas, como se fossem uma herança, criando possível consciência identitária por meio da expansão da memória humana. A transmissão da memória se dá no sentido da obra pela intenção da exposição daquilo que aconteceu com muitos indivíduos de nossa sociedade que se dispuseram a lutar contra o poder instituído, por meio do registro que, até então (e ainda é) marginalizado, não ganha os devidos espaços de discussão, mas pelo caminho literário se estabelece como mecanismo de exteriorização da memória, pela transmissão de conflitos e angústias individuais e coletivas, acrescentando-se a necessidade de transmissão. É pelo trabalho literário, pelo registro escrito que a memória se estabelece, não somente por ela, mas extensões dela que ganham força coletiva “Heródoto escrevia ‘para impedir que não desapareça o que fazem os homens’, nem para que se torne anônimo,

sem identidade, com o projeto de fazer entrar nas memórias não apenas o tempo longínquo das origens, mas aquele dos acontecimentos mais próximos” (CANDAUI, 2019, p. 107).

Há momentos em que a mãe de Martim suspende a comunicação e some. Esse mistério paira por toda a trama, e, com o início da repressão, ele resolve voltar para São Paulo, e assim é iniciado o segundo livro da trilogia, em que vai morar em uma república situada na Vila Madalena, onde conhece um novo grupo e nele talvez comece a acontecer o verdadeiro crescimento de Martim, visto que as discussões e posicionamentos, os conflitos são fundamentais para a formação não só do narrador, mas também de seus amigos. Um dos artifícios utilizados na obra para dar início ao segundo romance é uma espécie de resumo do primeiro para localizar o leitor, permitindo àqueles que não leram o primeiro constituir certo conhecimento do que acontecera, daquilo que acompanha toda a trama, mas que, sobretudo, seja o aspecto fundamental, seja a localização do leitor em memórias impedidas:

No primeiro volume da trilogia *O lugar Mais Sombrio*, intitulado *A noite da espera*, o jovem paulistano Martim muda-se para Brasília com o pai, Rodolfo, em janeiro de 1968, depois da separação brusca e inesperada da mãe, Lina, que se envolveu numa relação amorosa com um artista e deixou o marido. [...] Nos cinco anos que passa em Brasília, Martim faz anotações intermitentes sobre sua vida de estudante no colégio e, depois, na universidade. No contexto turbulento da ditadura, a expectativa de rever a mãe forma um arco crescente de tensão, envolvendo não apenas o protagonista, mas também seus amigos e outras personagens num ambiente de delação, desconfiança, violência e perseguição política (HATOUM, 2019, p.1).

A narrativa dá voz a múltiplos personagens, como Fabius, filho do embaixador Faisão (apoiador dos movimentos contrários à repressão e perseguido pela ditadura), Ângela, Dinah (por quem o protagonista se apaixona), o Nortista, Vana e Lázaro, dentre outros, permitindo que o leitor conheça a história de todos do grupo e formule opiniões a respeito de cada um deles. Por meio de anotações e trechos de diário e cartas se constituem as histórias das personagens e das pessoas de nosso país:

Hoje, às 21h25, consegui falar com Dinah; dei o endereço da comunidade da Vila Madalena: “Quase todos são estudantes da USP”.

“E os nossos amigos?”

“Já saíram do internato, mas ainda não falei com eles. Só me encontro com o Lázaro, parece que ele vai abandonar...”

“Lázaro é meu amigo?”

“O livreiro alegre está sumido. O professor de artes cênicas perdeu o emprego, o curso de teatro já era. Minha mãe tinha razão. Tudo está piorando e eu não sei... Não posso falar muito.”

“O nortista...”

“parece que escapou, mas não apareceu. É melhor a gente desligar, Martim, meu pai...”

“Quando você vem pra São Paulo?”

“Já vou, pai.”

“Quando?” (HATOUM, 2019, p. 32).

A maioria dos moradores dessa comunidade são estudantes de arquitetura da USP e fazem parte da resistência estudantil durante os anos mais duros do período, arriscando suas vidas ao se posicionarem contrários à ditadura estabelecida. A obra mostra qualidade e maturidade narrativa e um domínio da história, poucas vezes expostos na literatura contemporânea brasileira. A narrativa acontece de maneira fluida e tem como fator importante e agregador a predisposição em colocar as vozes ascendentes do livro de maneira realmente diferente, pois cada personagem ganha seu sotaque e características, conferindo eloquência à obra no sentido de elas terem a possibilidade de construir a narrativa toda, mas fazem parte de um mesmo construto identitário quanto às suas necessidades, lutas e anseios, visto que há um sentimento coletivo e na “descoberta de que a identidade é um monte de problemas, e não uma campanha de tema único é um aspecto que compartilho com um número muito maior de pessoas, praticamente com todos os homens e mulheres da nossa era “líquido-moderna” (BAUMAN, 2005, p. 18), perceptível em *A noite da espera*:

Tu estás caladinho... É fome? Digo isso porque Lélío sempre está faminto, mas ele não é nada calado, fala até demais, acho que é essa mania de ser ator. “Hoje tem tartarugada”.

Bateu palmas e gritou: “Pode servir”.

Uma moça tímida entrou na sala carregando o casco de uma

tartaruga. O bicho emborcado e decapitado parecia agonizar na mesa, as patas decepadas me deram um pouco de asco, mas bastou a lembrança do capellini enlatado para eu me empanturrar de picadinho de tartaruga e farofa. [...] Fui à cozinha e pedi um refrigerante à moça tímida; ela parou de lavar a louça e me serviu um copo com guaraná. Tomei o líquido vermelho e gasoso, e, quando pedi mais um pouco ela disse: “Guaraná Tuchaua, lá da minha terra, é bom que só, mano” (HATOUM, 2017, p. 141-146).

O enredo promove, ainda, um grande suspense em torno de Lina e que merece destaque, pois é conduzido de uma forma em que o leitor sabe que ele está presente, mas que, algumas vezes é deixado em outro plano não menos importante à construção da narrativa, é uma metáfora do perigo que ronda os personagens, da vigília necessária. O medo, desalento e desilusão são sempre constantes na vida dos sujeitos, não lhes permitindo errar por consequências duras e que poderiam custar algumas vezes, inclusive, suas próprias vidas, como no ocorrido na “Missa de sétimo dia em memória de Alexandre, centro de São Paulo, 30 de março, 1973”:

Ox segurou-a pelos braços, não escutei o que ele disse, a cavalaria invadia a Sé, uma fumaça amarelada surgiu em vários lugares, o cheiro dava náusea e ânsia de vômito. Sergio San disse à Mariela e ao OX que eles tinham a vida toda para discutir: por que não iam embora? Um cavalo empinou, cassetetes giraram no ar, Mariela se desgarrou do Ox, na confusão perdi de vista meus amigos, fui até a praça do Patriarca e entrei num ônibus. Na nove de Julho senti o estômago embrulhado, saltei na parada seguinte, corri até a praça 14 Bis, arriei a calça borrada e me agachei. Um maltrapilho de olhos fechados estava estirado sobre folhas de jornal, peguei um pedaço de papel, o homem não se moveu. Usava uma cueca imunda, o corpo era uma pelanca enrugada e escura; toquei o braço e o peito dele, senti a pele fria, o coração mudo por trás das costelas. Recuei. Vi dois fochos de luz na avenida, vesti a calça e fui até o ponto de ônibus, amaldiçoando aquela tarde-noite de morte (HATOUM, 2019, p. 49).

Esse perigo reminiscente, respiração constantemente suspensa é sempre

bem reproduzido na obra, e as idas e vindas no tempo e espaço refletem a confusão vivida por Martim e exigem muita atenção na leitura, pois ele tenta a todo tempo, por meio de informações aparentemente desconexas, esclarecer os mistérios que envolvem sua vida e a vida política do Brasil. Como se chegou a tal ponto é a pergunta que paira na vida das personagens:

Como é estranho voltar cinco anos depois a minha cidade e ocupar um quatinho deste colégio. Quando estudava aqui, o dormitório era inacessível aos externos; o refeitório e o banheiro são coletivos, os cubículos, alinhados entre corredores. Os internos eram os mais temíveis andavam em bandos, brigavam, recebiam punições severas; dois deles, depois de uma luta com canivetes, foram expulsos e retornaram a uma cidade do interior. Conteí isso quando a gente morava no apartamento da rua Tutoia, os dois eram da minha sala. Meu pai fez um sermão: aquele dois eram vândalos, e os pais, irresponsáveis. Minha mãe apenas olhava Rodolfo, talvez pensando no amante, o artista.

Uma única lâmpada, fraca, acesa no saguão; o relógio iluminado da torre da igreja parou ao meio-dia ou à meia-noite.

Meus amigos dormem numa cela de Brasília.

Onde estaria o Nortista? (HATOUM, 2019, p.13-14)

É interessante identificar e dar o devido valor à socialização da memória e o poder memorial da escrita a partir das anotações do narrador e de seus amigos, não no sentido da conservação da tradição do povo, mas da seleção do que deva ser transmitido e que, pela via escrita, ganha muito mais fundamentação que na oralidade, sendo importante àqueles que, ditos letrados, a ouvirão. As obras de Hatoum contribuem nesse sentido na exposição de um “filho do passado” que ainda não foi revelado de fato, o presente. Elas concatenam e organizam “as memórias individuais em uma mesma direção a significações particulares que terão, por conseguinte, grandes possibilidades de serem compartilhadas” (CANDAU, 2019, p. 108).

Questionamentos referentes às questões da identidade na contemporaneidade nos trazem indagações que vislumbram um pensar antagônico ao protecionismo cultural e à sensação de perda muitas vezes considerada em debates dessa envergadura. Tal pensamento se deve por estarmos

em um contexto social que se predispõe cada vez mais a misturas culturais e, conseqüentemente, à mudança de valores sociais, ao pensarmos que as distâncias geográficas e temporais entre as nações vêm sendo extinguidas, ou ao menos diminuídas, proporcionando experiências que antes eram tidas como complexas e estranhas. Hall (2003) pontua que, por acepções econômicas, políticas, naturais, entre outras, as migrações acontecem e elas “tem constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnicas ou culturalmente ‘mistas” (HALL, 2003, p. 55).

Martim, em *A noite da espera* (2017) e *Pontos de fuga* (2019), não se separa totalmente de suas tradições, entretanto pode-se considerar que fora “tocado” pela cultura do outro (seja quando vai morar em Brasília, quando vai à França ou até mesmo quando tem contato com pessoas de outros lugares, como o Nortista, a professora de piano, Frau Friede, que morou no Brasil, Alemanha ou ainda nas leituras de cartas e anotações de seus amigos, por exemplo), pois aprende a lidar com outras realidades e costumes, posto que “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se fragmentando; composto não de uma única, mas de várias identidades...” (HALL, 1997, p. 12). De acordo com o estudioso, as transições estruturais e institucionais na cultura e sociedade:

produzem o sujeito pós-moderno, conceptualizando como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpolados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1997, p. 13).

A construção da identidade no mundo contemporâneo independe da visitação do sujeito a outros lugares ou do contato direto com outras culturas, ou seja, no mundo atual não existe o sujeito com identidade nacional. Sob a perspectiva das obras de Hatoum, mas também à luz da discussão da identidade na obra, os sujeitos (Martim e tantos outros personagens) da contemporaneidade preferem, realmente, não pertencer. Não é acaso, é uma opção. Com o constante avanço da globalização e da evolução tecnológica, o homem se torna “cidadão do mundo”, o que é retratado na obra, em que algumas desilusões do homem

pós-moderno estão personificadas em José Costa. Hommi Bhabha (2003) discute a questão, ao falar sobre o “entre-lugar”, em que o sujeito de nosso tempo possui várias identidades pelas quais se torna passageiro, e a metafuncionalidade é trabalhada a partir disso para ser utilizada de acordo com as intenções. Note que dentro de determinados contextos ficam mais enfáticas essas considerações, como se fosse necessário ter essa “falta de identidade”, essa relação é construída por Hatoum em *Pontos de fuga*:

Café de la Gare, Gare de Lyon, Paris, 1979  
Damiano Acante me esperava com Gervasio, Huerta e Agustín, membros do Círculo Latino-America de Resistência. Os três haviam festejado o Ano-Novo no apartamento do Jaime Dobles (...). Cheguei no meio de uma conversa animada que, aos poucos, ficou ríspida. Gervasio dizia que o boletim do Círculo devia publicar coisas sobre a resistência armada na América do Sul e Central (...). “Você escapou de um regime totalitário e ficou ingênuo”, acusou Gervasio, num tom meio irônico. “Parece um amigo argentino, o Camilo. Mais mais um pacifista naïf. Sabe muito bem o que aconteceu com os uruguaios que apenas protestaram nas ruas ou publicaram artigos. E agora quer censurar a luta armada no boletim. Por que não envia flores brancas aos generais da República Oriental?” (HATOUM, 2019, p 44-45)

Reconstruções culturais se intensificam a partir do contato com o outro. Articuladas com pressupostos pós-modernos colaboram para que os indivíduos não tenham mais raízes nas estruturas de suas tradições, e aprendam a ressignificar seus valores no efervescer de novas informações, montando a globalização como uma das responsáveis por essas reconstruções culturais, não que ela seja um fato novo, pois acreditamos que ela exista desde que os europeus se lançaram a transpor fronteiras nos tempos das caravelas com o objetivo de conquistar riquezas de novas terras. Contudo, o processo hoje é mais rápido e ativo ao transformar o sistema ainda mais global, pois são poucas as nações ou locais não são atingidos por essas prerrogativas.

A questão identitária tem sido assunto de fecundos debates em tempos atuais, pois o antigo discurso de identidade pura já não satisfaz as indagações predispostas nos estudos culturais na contemporaneidade. Dessa maneira,

devemos conceber uma visão descentralizada, porque isso pressupõe identidades híbridas e plurais, ou seja, identidades mescladas, em processo contínuo, que em nada vislumbram a visão de algo igual, mas diferente, em que determinada cultura constrói diálogo com outra em um movimento simultâneo. Esse pensamento nos leva a crer que exista a partir daí o fim ou declínio do pensamento que versa a respeito de identidades puras, superiores ou intocáveis e totalmente hierarquizadas. Nesse sentido, não se defende aqui a cultura mistificada, mas aquela descentrada e fragmentada.

Entendemos que o que nos identifica é justamente a diferença que, junto com o hibridismo cultural, valoriza o contato com outras experiências. Como já foi dito no tópico acima, a globalização foi fator preponderante para que o deslocamento da ideia de sujeito, de modo que Néstor Canclini (1998) reforça a condição da globalização na pós-modernidade, dizendo que “a globalização nos coloca ante o desafio de configurar uma ‘segunda modernidade’, mais reflexiva, que não imponha sua racionalidade” (CANCLINI, 1998, p. 17), ou seja, a identidade pode ser entendida como algo que se transforma pela sua mobilidade, que se define historicamente e não por aspectos biológicos. Por ordem e pelos objetivos da pesquisa, não é viável pensar em identidades míticas e fixas, como já fora dito, mas naquela em constante processo de construção e desconstrução, que nega a ideia de perda e que pode ser encontrada em um tempo descontínuo, ao que Bhabha (2003, p. 17) pondera:

A analítica da diferença cultural intervém para transformar o cenário de articulação – não simplesmente para expor a lógica da discriminação política. Ela altera a posição de enunciação e as relações de interpelação em seu interior; não somente aquilo que é falado, mas de onde é falado; não simplesmente a lógica da articulação, mas o *topos* da enunciação. O objetivo da diferença cultural é rearticular a soma do conhecimento a partir da perspectiva da posição de significação da minoria, que resiste à totalização.

A pós-modernidade também traz para a baía da discussão a ideia de híbrido, que pode evidenciar a ideia de alteridade, evocando tudo aquilo que é múltiplo e heterogêneo. É nesse descontínuo que a cultura que aqui discutimos se desenvolve, em meio a uma identidade deslocada, ou seja: “uma estrutura

deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por uma pluralidade de centros de poder” (HALL, 1997, p. 17).

Toda nação nasce dentro de uma cultura, tendo a funcionalidade de coparticipar em que a realidade é transmitida de maneira abstrata de geração a geração. Tendo esse posicionamento estrutural, *A noite da espera* e, sobretudo, *Pontos de fuga* expõem elementos culturais de nossa nação com nossas variações na língua, costumes, bem como de outros lugares, de modo que a personagem principal, mesmo sem se sentir confortável em determinados ambientes, assimila as particularidades ou costumes alheios aos seus, adquirindo novas tradições que, ao longo da narrativa, são expostas. Ao ter contato com outros, as personagens têm possibilidades de agir conforme as culturas diferentes, encontrando em suas decisões o pontapé para desvendar ou conhecer uma nova cultura:

Rua de la Gloutte-d’Or, Paris, 2 de janeiro, 1978  
“Você passou o Ano-Novo aqui, olhando a noite por essa janelinha?”, disse Damiano Acante. Era o nosso primeiro encontro em Paris, minha decisão de viajar para cá foi, em parte, influenciada por Damiano. [...] Damiano ainda ficou uns dias em São Paulo, não sei qual foi o trajeto da viagem dele: as fronteiras por onde passou, as escalas até desembarcar em Paris. Um expatriado pode esquecer seu país em vários momentos do dia e da noite, ou até por um longo período. Mas o pensamento de um exilado quase nunca abandona seu lugar de origem. E não apenas por sentir saudade, mas antes por saber que o caminho tortuoso e penoso é, às vezes, um caminho sem volta (HATOUM, 2017, p. 14-15).

A cultura é transmitida a partir da linguagem, contribuindo para nosso modo de pensar o mundo a nossa volta, posto que, em nossas interpretações sobre ele, estamos sempre interagindo com os nossos pares sociais. É pela língua que expressamos nossas crenças e construímos o que chamamos de cultura; pela nossa relação com a língua e com a cultura, concretizamos as identidades, marcando as relações sociais em que a memória é fundamental para fazer a renovação das tradições, propiciando a construção de identidade por meio das subjetividades marcadas na língua e nas situações nas quais ela se faz presente.

Aspectos culturais podem ser descritos a partir dos lugares que os

indivíduos compartilham nas trocas particulares de cada povo, que, em nossa pesquisa, são expressas quando, na memória dos escritos, compartilhamos trocas ou conexões culturais por meio de tradições.

Os romances *A noite da espera* e *Pontos de fuga* foram elaborados, estrategicamente como alegoria (alude a um passado histórico, para falar do presente), a partir de questões sociais e políticas vigentes na contemporaneidade do país, em que prevalece o negacionismo de questões relacionadas à população marginal: gays, negros, mulheres e indígenas, na tentativa de silenciá-los, colocando em debate a liberdade de expressão. Pode-se, ainda, evidenciar nesse (des)governo a politização dos militares incorporados à estrutura e em vários níveis de departamentos estratégicos do governo atual, delineando cada vez mais a sombra do regime militar, que vai se avantajando dia a dia, e pior, se fortalecendo. Benjamin Abdala Júnior (2007), ao tratar das relações entre literatura e política, observa que:

O grande desafio para o escritor de ênfase social – parece-nos – é a construção de um objeto literário capaz de comunicar-se simultaneamente com diversas faixas de leitores, o que será possível por um eficaz processo de sobrecodificação do texto artístico. [...] diferente da simples comunicação referencial, pois que enquanto obra de arte a relação com a realidade que ela estabelece é múltipla (ABDALA JUNIOR, 2007, p. 128).

Assim, Hatoum objetiva, com esses dois primeiros livros da Trilogia *O lugar mais sombrio*, mobilizar os leitores com questionamentos pertinentes à representação dos marginalizados na sociedade patriarcal e machista, alertando sobre as ameaças à democracia instituída, o que ocasiona a tensão entre o gênero romanesco e a sociedade, resultando na constituição do que se pode chamar ficção, ao evidenciar a realidade de grupos e sujeitos envolvidos direta e/ou indiretamente no regime ditatorial.

Nas obras, encontramos elementos de caos social e urbano mercedores de críticas, como a perseguição e a tortura, características da política contemporânea, presentes em nossa sociedade, e que têm em muitos indivíduos sua personificação tenebrosa, debatidas nos livros da trilogia *O lugar mais sombrio*. Sob uma densidade narrativa, temos o aporte para questionar o que fora dito sobre o

período, por meio da literatura e de memórias que se fazem dilacerantes, mas necessárias em detrimento do esquecimento. É por meio da linguagem que se dá a compreensão sobre a degradação social que passamos. Verificamos que as obras reverberam a fragmentação da memória silenciada, vasculhando o passado e desvendando o envolvimento das personagens em suas trajetórias, rompendo a barreira do silêncio para que compreendamos o presente.

## Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política**: literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Ateliê editoria, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves e Myriam Ávila. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1998.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte. UFMG, 2003.

HATOUM, Milton. **A noite da espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HATOUM, Milton. **Pontos de fuga**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Universidades e cultura na ditadura militar brasileira. **Estudios del ISHiR**, v. 20, p. 92-106, 2018

PETERSON, Michel. **Estética e política do romance contemporâneo**. Tradução de Ricardo Iure Canko. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.